BOCA
BOLETIM DE CONJUNTURA

MARISQUEIRAS: EDUCAÇÃO E SUSTENTABILIDADE SOB RISCO

SHELLFISH HARVESTERS: EDUCATION AND SUSTAINABILITY AT RISK

MARISCADORAS: EDUCACIÓN Y SOSTENIBILIDAD EN RIESGO

https://doi.org/10.56238/bocav25n83-012

Data de submissão: 16/09/2026 **Data de publicação:** 16/10/2026

Amanda Caroline dos Santos
Instituição: Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP)
E-mail: amandacarolinedssa@gmail.com

Mariana Ferreira Souza
Instituição: Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP)
E-mail: marianaferreirasouza3@gmail.com

Rebecca Sousa Santos
Instituição: Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP)
E-mail: rebeccassousa81@gmail.com

Paulo Roxo Barja
Doutor em Ciências
Instituição: Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP)
E-mail: barja@univap.br
Orcid: https://orcid.org/0000-0001-9009-3439
Lattes: http://lattes.cnpq.br/3235309329772519

RESUMO
O Grupo de Leituras da Cidade (GLC) tem por objetivo a leitura e o debate de textos que fundamentam uma leitura crítica de aspectos da vida na cidade, com encontros quinzenais. A partir deste objetivo, foi realizada a leitura do texto "Marisqueiras", de Pablito Aguiar, seguida de debate coletivo no grupo e pesquisa para fundamentação teórica das observações efetuadas. O presente trabalho busca elucidar uma questão: afinal, pode-se dizer que as marisqueiras realizam um trabalho sustentável e com potencial caráter educativo? Os resultados do estudo realizado sinalizam para o fato de que a atividade das marisqueiras é, sim, de educação, claramente com viés de sustentabilidade. No entanto, tornou-se uma atividade de risco diante de ameaças como a extração de petróleo e mesmo a especulação urbana próxima às áreas de trabalho das marisqueiras.

Palavras-chave: Brasil. Educação. Risco Social. Sustentabilidade.

ABSTRACT
The City Readings Group (GLC) aims at reading and debating texts that provide foundations for a critical reading of aspects of city life, with fortnightly meetings. Based on this objective, we carried out the reading of the text “Marisqueiras”, by Pablito Aguiar, followed by collective debate in the group and research for theoretical grounding of the observations made. The present work seeks to elucidate a question: after all, can one say that marisqueiras perform sustainable work with potential educational character? The results of the study conducted point to the fact that the activity of marisqueiras is, indeed, education, clearly with a sustainability bias. However, it has become a risky activity in the face of threats such as oil extraction and even urban speculation near the work areas of marisqueiras.

Keywords: Brazil. Education. Social Risk. Sustainability.

RESUMEN
El Grupo de Lecturas de la Ciudad (GLC) tiene por objetivo la lectura y el debate de textos que fundamentan una lectura crítica de aspectos de la vida en la ciudad, con encuentros quincenales. A partir de este objetivo, se realizó la lectura del texto “Marisqueiras”, de Pablito Aguiar, seguida de debate colectivo en el grupo e investigación para fundamentación teórica de las observaciones efectuadas. El presente trabajo busca dilucidar una cuestión: en fin, ¿puede decirse que las marisqueiras realizan un trabajo sostenible y con potencial carácter educativo? Los resultados del estudio realizado señalan el hecho de que la actividad de las marisqueiras es, sí, de educación, claramente con sesgo de sostenibilidad. Sin embargo, se convirtió en una actividad de riesgo ante amenazas como la extracción de petróleo e incluso la especulación urbana próxima a las áreas de trabajo de las marisqueiras.

Palabras clave: Brasil. Educación. Riesgo Social. Sostenibilidad.

1 INTRODUÇÃO

Em 2026, surgiu o Grupo de Leituras da Cidade (GLC), vinculado ao curso de Arquitetura e Urbanismo da FEAU/UNIVAP. O grupo tem como objetivo a leitura e o debate de textos que permitam desenvolver uma leitura crítica, coletiva, de aspectos da vida na cidade, no mundo atual. A partir deste objetivo, foi realizada, entre outras, a leitura e debate do texto “Marisqueiras”, uma história em quadrinhos (HQ) escrita e ilustrada pelo artista gráfico Pablito Aguiar. A leitura despertou o interesse do grupo à medida que aborda temas essenciais e atuais na área do desenvolvimento urbano, como a sustentabilidade, utilizando um formato de fácil compreensão popular, como as HQs que, assim, apresentam potencial uso em contexto pedagógico.

As marisqueiras são mulheres de comunidades tradicionais litorâneas que realizam a coleta e extração artesanal de mariscos, moluscos e crustáceos em manguezais. Essa atividade que é aprendida desde a infância - passada de geração em geração pelas mães e avós - constitui não apenas uma importante fonte de renda, mas também um conjunto de conhecimentos mantidos ao longo do tempo, graças à relação direta com o mangue.

A prática da mariscagem ultrapassa o aspecto ambiental, apresentando também forte dimensão social e econômica. A atividade contribui para a subsistência das famílias nas comunidades onde é praticada, uma vez que a força do trabalho é o principal recurso dessas famílias e grande parte da comunidade se envolve na mesma atividade ou em outras atividades a ela relacionadas.

Partindo do texto e da relevância do tema abordado, o presente trabalho tem por objetivo responder à questão: afinal, pode-se dizer que as marisqueiras realizam um trabalho sustentável e com potencial caráter educativo no Brasil atual?

2 METODOLOGIA

Inicialmente, foi feita a seleção do texto para análise a partir dos textos já oferecidos ao grupo de estudos. Os critérios para escolha do texto-base foram a relevância e aderência do tema abordado em relação ao tema geral do congresso.

Posteriormente, foi realizada pesquisa bibliográfica e documental para fundamentar a interpretação da obra. Nesta etapa, buscamos artigos científicos acadêmicos que descrevam a realidade sociodemográfica e ambiental das marisqueiras da Ilha da Maré, na Bahia. Priorizou-se a literatura de autores brasileiros contemporâneos que dissertam sobre os temas centrais anteriormente citados.

Para complementar a fundamentação teórica e conferir maior fidelidade à pesquisa, foi necessário o cruzamento de publicações acadêmicas com dados estatísticos e demográficos reais. Para isso, utilizou-se, sempre que possível, a consulta a plataformas oficiais — destacando-se o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Ministério da Pesca e Aquicultura e os repositórios de dados da Universidade Federal da Bahia (UFBA). O objetivo era obter dados quantitativos que auxiliassem no dimensionamento socioeconômico da atividade. O cruzamento entre as informações presentes na literatura acadêmica e os dados institucionais permitiu confrontar diferentes perspectivas sobre a atividade de mariscagem, evitando uma análise restrita à representação apresentada na obra.

Por fim, as informações selecionadas foram organizadas e analisadas de forma comparativa e crítica, buscando identificar convergências e divergências entre a representação da realidade das marisqueiras e os dados encontrados na literatura e nas fontes oficiais. A análise também considerou lacunas e aspectos pouco explorados nas referências consultadas, especialmente aqueles relacionados à dimensão social, ambiental e educativa da atividade, contribuindo para uma interpretação mais ampla do tema.

3 RESULTADOS

A pesca artesanal é uma importante modalidade de trabalho no Brasil. A atividade ocorre, em grande parte, de maneira informal e possui características diferentes do trabalho assalariado convencional. (PENA; FREITAS; CARDIM, 2011).

A Tabela 1 apresenta uma comparação de dados sobre pescadores artesanais entre os anos de 2006 e 2026.

Tabela 1. Panorama de pesca artesanal no Brasil e na Bahia em 2006 e 2026

Indicador	2006	2026
Pescadores artesanais no Brasil	360.761	1.100.000
Concentração no Nordeste	47%	65%
Pescadores registrados na Bahia	36.851	147.161

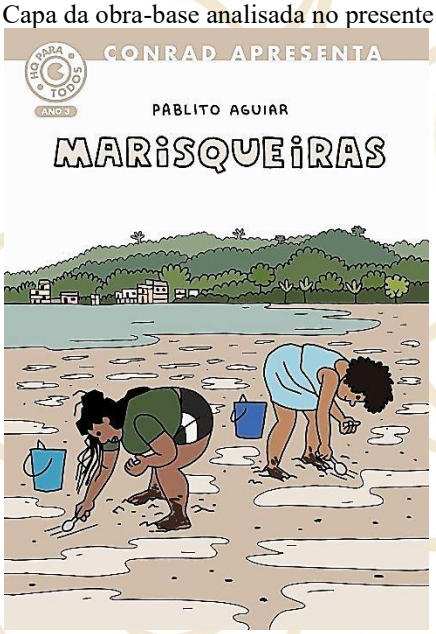
Fonte: PENA, Paulo Gilvane Lopes; FREITAS, Maria do Carmo Soares de; CARDIM, Adryanna. Trabalho artesanal, cadências infernais e lesões por esforços repetitivos: estudo de caso em uma comunidade de mariscadeiras na Ilha de Maré, Bahia. Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v.16, n. 8, p. 3383-3392, 2011. Disponível em: SciELO. Acesso em: 23 set. 2026.

Para compreender as condições concretas da pesca artesanal, Pena, Freitas e Cardim (2011) realizaram um estudo etnográfico entre 2005 e 2007 em uma comunidade de aproximadamente 800 habitantes localizado na Ilha da Maré, em Salvador, Bahia. A população era composta principalmente

por famílias que dependiam da atividade, sendo entrevistados 27 mulheres e 3 homens envolvidos diretamente na extração de mariscos.

A HQ *Marisqueiras*, escrita e ilustrada pelo artista gráfico Pablito Aguiar, relata a realidade de mulheres que vivem da mariscagem e sua relação com o manguezal. Por meio de uma narrativa acessível, a obra traz à tona aspectos sociais, econômicos e ambientais relacionados a essa atividade tradicional. Na Figura 1, apresenta-se a capa da obra utilizada como base para a presente análise.

Figura 1. Capa da obra-base analisada no presente trabalho.



Fonte: Editora Conrad, 2026.

A leitura da HQ Marisqueiras permitiu identificar os seguintes aspectos principais:

- A mariscagem como atividade tradicional e de subsistência;
- A presença predominante do trabalho feminino;
- Relação entre os conhecimentos tradicionais e a sustentabilidade;
- Importância econômica da atividade para as famílias;
- Invisibilidade social;
- A necessidade de preservação, contraposta pela ameaça ambiental gerada pelas indústrias.

A partir desses aspectos, a seção seguinte aborda a importância da mariscagem, seu caráter educativo, sua relação com a sustentabilidade e os desafios enfrentados pelas comunidades que dependem dessa atividade.

4 DISCUSSÃO

Sabe-se que o conceito de sustentabilidade vai além do cuidado com o meio ambiente. A busca pela sustentabilidade exige, portanto, ir além dos conceitos abstratos das salas de aula, observando como diferentes populações brasileiras vivenciam, na prática, a conservação ambiental. A HQ adotada com texto-base ilustra a coleta artesanal de mariscos como fonte de subsistência de mulheres. Por meio de uma narrativa lúdica, mas ao mesmo tempo baseada em uma realidade das marisqueiras da Ilha da Maré, a história de forma acessível, retrata como essa prática depende do ciclo natural das marés e da preservação do ecossistema, configurando uma relação de equilíbrio e dependência direta com a natureza. Assim, a HQ não apenas educa sobre um modo de vida relacionado ao uso sustentável dos recursos naturais, mas também atua como denúncia da urgência de proteger essas trabalhadoras e seus territórios frente à exploração predatória.

A mariscagem na Ilha da Maré caracteriza-se pelo trabalho artesanal e extrativista, realizado com instrumentos rudimentares e em contato direto com ambientes naturais. As trabalhadoras estão expostas a condições como sol intenso, umidade, lama, pedras e vegetação; além disso, permanecem durante longos períodos em postura que podem gerar sobrecarga muscular. (PENA; FREITAS; CARDIM, 2011).

A organização da jornada das marisqueiras relaciona-se diretamente ao ciclo das marés. A coleta de mariscos acontece durante a maré baixa, o que exige que muitas delas estejam no mangue às quatro horas da manhã. Embora o período de coleta dure aproximadamente seis horas, o trabalho envolve longas horas em posição curvada, deslocamento de vários quilômetros, juntamente com as etapas posteriores de limpeza, preparo e armazenamento que contribuem para que a jornada diária alcance entre 10h e 14h. A necessidade de aumentar a produção para garantir a subsistência contribui para a intensificação do ritmo de trabalho, apesar do esforço, pode resultar em uma remuneração de aproximadamente R$4,00 ao final do dia. (MOURA; SANTOS NETO; ALMEIDA, 2008).

A relação estabelecida entre as marisqueiras e o ambiente natural também pode ser compreendida a partir do conceito de comunidade tradicional. De acordo com o Decreto nº 6.040, as comunidades tradicionais são grupos culturalmente diferenciados, ocupam e utilizam seus territórios e

seus recursos naturais para a reprodução cultural, das suas tradições e da sua economia, assim estabelecendo sua própria organização social. Nesse sentido as marisqueiras utilizam seus saberes construídos através do seu contato com o manguezal, para desenvolver sua atividade, assim, compreendendo seu funcionamento, suas necessidades e suas fraquezas, analisando o ambiente em que vivem. Com isso, as marisqueiras usam tais conhecimentos para transmitirem, de forma geracional, os saberes adquiridos. Isso mostra o caráter educativo dessa comunidade, uma vez que essas mulheres ensinam na prática a importância do manejo e preservação dos seus territórios.

Para além da sobrevivência, as marisqueiras também atuam como educadoras e agentes culturais em seus territórios. Esse saber é passado de geração em geração — especialmente de mãe para filha — como uma forma de educação comunitária, baseada na oralidade e na prática vivida. Ao ensinar as novas gerações como lidar com a natureza — como o tamanho adequado dos mariscos e o respeito aos ciclos naturais da lama —, as marisqueiras atuam diretamente na proteção da biodiversidade local. Como destaca Diegues (2004), o conhecimento das populações tradicionais possui uma racionalidade especial, fundamental para a preservação do meio ambiente. E na prática, o olhar cuidadoso das marisqueiras enxerga a natureza de outra forma, entendendo os detalhes da maré que escapam dos livros científicos.

Nesse sentido, estudos como o de Nóbrega *et al.* (2014) mostram que as marisqueiras não apenas aprendem com o ambiente, mas também se tornam as principais responsáveis pela construção de uma educação ambiental real e crítica. Elas ensinam à comunidade e à sociedade que o manguezal não é apenas um recurso econômico, mas um lugar de ensino e aprendizado. Esse conhecimento mostra que a escola e as políticas públicas têm muito a aprender com o "chão da maré", onde a resistência das marisqueiras forma a identidade das famílias e mantém as práticas concretas de preservação (CARVALHO *et al.*, 2014).

A importância desses saberes não está relacionada apenas com a continuidade da comunidade, mas também com a subsistência das marisqueiras e de suas famílias. A coleta de mariscos pode-se constituir como uma das principais fontes de renda das famílias envolvidas. São justamente esses conhecimentos que permitem o melhor manejo dos recursos naturais e um maior cuidado durante a extração. Por meio da observação dos ciclos naturais dos manguezais e das espécies coletadas, as marisqueiras acumulam conhecimentos que orientam sua atividade e a utilização desses recursos. A coleta de mariscos é essencial não apenas para sua subsistência, mas também para sua alimentação. (MOURA; SANTOS NETO; ALMEIDA, 2008).

Essa relação de dependência entre as marisqueiras e o ambiente natural evidencia a importância que o manguezal possui na vida dessas comunidades, como espaços de trabalho e subsistência. Como destacado na HQ que fundamenta esse estudo, “a gente sabe que o emprego taí. O emprego para gente é o mar” (AGUIAR, P, 2025, p.11). A fala evidencia essa conexão que essas mulheres possuem com o ambiente natural, é um lugar que não representa apenas o local onde vivem, mas também a fonte do seu trabalho, garantindo sua renda e o seu próprio alimento.

Entretanto, as transformações sociais e econômicas ocorridas ao longo do tempo modificaram a relação dessas famílias com a atividade de extração de mariscagem. O crescimento das atividades industriais, o avanço tecnológico e o surgimento de novos meios de trabalho, fizeram com que apenas a renda da mariscagem não fosse suficiente para atender todas as necessidades dessas famílias. Nesse contexto, outros membros da família, como os maridos, passaram a procurar outras atividades remuneradas fora da comunidade, para completar a renda familiar. Essa realidade é registrada na HQ quando uma das marisqueiras fala “os esposos trabalham fora e a gente consegue complementar com o marisco, mas vende também alguma coisa de revista, roupas, produtos do boticário e tal…” (AGUIAR, P, 2025, p.). Assim, apesar da conexão com o ambiente natural e da mariscagem continuar sendo fundamental para a subsistência e a identidade dessas comunidades, ela está inserida num contexto de mudanças, que impactam diretamente na vida dessas famílias.

A baixa remuneração e a exaustiva jornada de trabalho não são os únicos desafios que as marisqueiras enfrentam. A atividade também é diretamente afetada pelas transformações ambientais provocadas pela poluição das indústrias no entorno da comunidade. Como relatado por uma das marisqueiras, “a poluição modificou muito nosso trabalho, tirando o que a gente tinha. Olha essas indústrias em volta da ilha! Isso aí é um monstro que nos apavora!” (AGUIAR, P, 2025, p.16). A fala evidencia que a degradação ambiental e a falta de cuidados junto com a negligência dessas indústrias interferem diretamente na atividade de mariscagem, ameaçando não apenas a disponibilidade de recursos naturais, mas também a saúde dessa comunidade.

Além das ameaças ambientais, as marisqueiras sofrem com situações de invisibilidade social e desvalorização do trabalho. Essa comunidade por serem grupos menores e com um poder econômico inferior ao de um grande industrial, seus problemas são negligenciados, além de não serem de interesse econômico de grupos tradicionais, como expressa outra marisqueira, “Mas como a gente é pescadora, a gente é minoria… e o governo não vai ficar do nosso lado contra essas empresas que dão lucro e renda pra eles” (AGUIAR, P, 2025, p.16). O relato demonstra a falta de proteção institucional,

revelando que as diferenças sociais e econômicas podem contribuir para a vulnerabilização dessas trabalhadoras.

Diante desse cenário, torna-se evidente que a preservação do mangue está diretamente relacionada com a continuidade do trabalho das marisqueiras e de seus modos de vida. A preservação dessas regiões não protege apenas a flora e a fauna brasileira, mas também a identidade e a história de uma comunidade inteira. Essa degradação que ocorre nesses locais evidencia que não é uma perda apenas ecológica, mas também social, econômica e cultural, essa relação é expressa pela coordenadora do Movimento das Marisqueiras de Sergipe, Cristiane Vieira Dias dos Santos, “Eu nasci no mangue. Minha mãe disse uma vez que o cheiro da lama do mangue é o nosso cheiro. Se matam o mangue, nos matam também”. Essa afirmação reforça a necessidade de preservar o mangue, a identidade e a história dessas mulheres, com políticas que as protejam, assim como a seu trabalho. Cabe-nos reconhecer essas trabalhadoras e dar visibilidade a suas histórias, para poder cobrar do poder público ações efetivas de proteção ambiental e garantia de direitos.

5 CONCLUSÃO

Ao retomar a pergunta inicial que guiou este trabalho, fica claro que sim, a mariscagem apresenta caráter sustentável e educativo, uma vez que está fundamentada nos conhecimentos tradicionais, na relação de cuidado com o ambiente e na transmissão de saberes entre gerações. Entretanto, para além dessas dimensões, evidencia-se também uma importante questão social, marcada pela invisibilidade: a pressão constante das indústrias na Ilha da Maré. Espera-se, portanto, que trabalhos como este ajudem a sociedade a enxergar essa realidade e impulsionem ações reais, para fortalecer as ações voltadas à preservação dos territórios e à garantia dos direitos das marisqueiras. Para pesquisas futuras, abre-se a perspectiva de estudos que aprofundem as relações entre saberes tradicionais, educação ambiental, sustentabilidade, gênero e justiça ambiental, contribuindo para que os problemas identificados sejam não apenas reconhecidos, mas efetivamente enfrentados.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, P. Marisqueiras. São Paulo: Conrad, 2025.

BRASIL. Ministério da Pesca e Aquicultura. Painel do MPA na COP30 destaca a importância das mulheres no debate sobre crise climática. Brasília, 2025. Disponível em: https://www.gov.br/mpa/ptbr/assuntos/mpa-na-cop30/mais-noticias-da-cop30/painel-do-mpa-na-cop30-destaca-a-importanciadas-mulheres-no-debate-sobre-crise-climatica. Acesso em: 22 set. 2026.

CARVALHO, Ingrid Gil Sales *et al.* Por um diálogo de saberes entre pescadores artesanais, marisqueiras e o direito ambiental do trabalho. Ciência & Saúde Coletiva, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/j/csc/a/4jB5GmfCcPBG3tqyQX54bmc/. Acesso em: 4 set. 2026.

DIEGUES, Antônio Carlos. O mito moderno da natureza intocada. São Paulo: Hucitec, 2004.

INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE (ICMBio). Atlas dos manguezais do Brasil. Brasília, DF: ICMBio, 2018. Disponível em: https://www.gov.br/icmbio/ptbr/centrais-de-conteudo/publicacoes/atlas-1/atlas_dos_manguezais_do_brasil.pdf. Acesso em: 24 set. 2026.

MARTINS, R. Ilha de Maré: sete décadas de racismo ambiental em Salvador. Mongabay, 2023. Disponível em: https://brasil.mongabay.com/2023/01/ilha-de-mare-sete-decadas-de-racismoambiental-em-salvador/. Acesso em: 25 set. 2026.

MOURA, Diogo Fernando Gramacho de; SANTOS NETO, Aristotelino Osvaldo dos; ALMEIDA, Rosiléia

Oliveira de. A etnoecologia das marisqueiras da comunidade de Praia Grande, Ilha de Maré, Salvador-BA. Candombá, Salvador, v. 4, n. 1, p. 91-110, 2008. Disponível em: Candombá – artigo completo. Acesso em: 20 set. 2026.

NÓBREGA, Gabriela Silva da *et al.* Formação para marisqueiras em segurança de alimentos e saúde do trabalhador: uma experiência na comunidade de Ilha do Paty, Bahia, Brasil. Ciência & Saúde Coletiva, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/j/csc/a/yr3JDJJd3PWyJhSdtnzVNZv/. Acesso em: 4 set. 2026.

PENA, Paulo Gilvane Lopes; FREITAS, Maria do Carmo Soares de; CARDIM, Adryanna. Trabalho artesanal, cadências infernais e lesões por esforços repetitivos: estudo de caso em uma comunidade de mariscadeiras na Ilha de Maré, Bahia. Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 16, n. 8, p. 3383-3392, 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/j/csc/a/LzQLcj4srhm8VMK3nz5xTPJ/?lang=pt. Acesso em: 20 set. 2026.

TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 6ª REGIÃO. Sustentabilidade. [S. l.]: Tribunal Regional Federal da 6ª Região, [s. d.]. Disponível em: https://portal.trf6.jus.br/sustentabilidade/. Acesso em: 24 set. 2026.

Agradecemos o apoio da coordenação do Curso de Arquitetura da Univap e da direção da Faculdade de Engenharias, Arquitetura e Urbanismo (FEAU) da Univap.